

## CAPÍTULO 2

# Futebol português, uma historiografia

**Francisco Pinheiro**

Universidade de Coimbra, Portugal

### RESUMO

Este capítulo é uma análise da produção historiográfica sobre a história do futebol português, feita a partir de sete obras publicadas entre 1938 e 2024. Procurou-se observar algumas das mais importantes publicações produzidas sobre a história do futebol português, tendo em consideração facetas da escrita e investigação histórica, e os objetivos e características de produção destas obras. Analisou-se a narrativa e estrutura metodológica, as temáticas e o conteúdo, a autoria e o contexto que lhes deu origem. Como parâmetros comuns, identificou-se a predominância de uma narrativa e autoria (quase) exclusivamente masculina, a defesa de uma escrita histórica isenta e rigorosa (em oposição à “clubite” inerente ao futebol), o domínio de uma narrativa jornalística sobre a histórico-científica, a ideia de novidade em cada obra e a tentativa de abertura de novas linhas de investigação.

**Palavras-chave:** história, historiografia, bibliografia, futebol, Portugal

## ABSTRACT

This chapter is an analysis of the historiographical production on the history of Portuguese football, based on seven works published between 1938 and 2024. The aim was to look at some of the most important publications produced on the history of Portuguese football, considering facets of historical writing and research, and the objectives and production characteristics of these works. The narrative and methodological structure, themes and content, authorship and the context in which they originated were analysed. The common parameters identified were the predominance of an (almost) exclusively male narrative and authorship, the defence of impartial and rigorous historical writing (as opposed to the “club views” inherent to football), the dominance of a journalistic narrative over a historical-scientific one, the idea of novelty in each work and the attempt to open up new lines of research.

**Keywords:** history, historiography, bibliography, soccer, Portugal

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) é uma agência especializada da ONU (Organização das Nações Unidas) que trabalha para promover a paz, o desenvolvimento humano e a segurança. E no âmbito das suas competências acabou por definir uma nomenclatura internacional para os campos da ciência e tecnologia, atribuindo códigos às diferentes disciplinas

e subdisciplinas. Assim, no âmbito dos ‘Códigos Unesco’<sup>1</sup>, a História assumiu o código 55, com sete subáreas, nomeadamente: 5501-Biografias, 5503-História Geral, 5503-História de Países, 5504-História por Épocas, 5505-Ciências Auxiliares da História, 5506-História por Especialidades e 5599-Outras Especialidades da História. A ‘história do desporto’, enquanto área de especialização da história, deveria constar na listagem do campo 5506-Histórias por Especialidades, onde se encontram 31 variantes, começando pela 5506.01-História da Arquitetura e terminando na 5506.93-História da Igreja. Porém, o desporto, enquanto campo de investigação da história, é omissa nessa listagem, tal como a própria palavra desporto em si (totalmente omissa nos ‘Códigos Unesco’ para a ciência e tecnologia em 2024-2025), ficando assim a ‘história do desporto’ relegada para o código 5506.99-Outras.

Abro o capítulo com esta reflexão para enquadrar a ausência de um reconhecimento internacional sobre a área de especialização da história do desporto, um tema que já em fevereiro 1988 era abordado na revista portuguesa *Desporto e Sociedade*, publicada pela Direção-Geral dos Desportos. Na contracapa desse número surgia uma frase ilustrativa de como os historiadores encaravam o fenómeno desportivo:

“Relógios antigos, bolas e batatas têm beneficiado mais de estudos históricos do que os jogos e os desportos. Alguns

---

1 Cf. <https://www.um.es/documents/1235915/3330673/codigosUNESCO-ciencia-tecnologia.pdf/85d6ff59-e7bf-46a1-9619-fc33859e87c3>

jornalistas, psicólogos, sociólogos e os próprios desportistas têm escrito sobre desportos; os historiadores apenas se debruçaram casualmente sobre o assunto.”

No caso da historiografia portuguesa, esta reflexão era relativamente adequada no final do século XX e pouco se alterou no início do novo milénio. Nas primeiras décadas do século XXI, os contributos historiográficos sobre o desporto português continuaram centrados em abordagens biográficas (ou autobiográficas), assim como na história de clubes, instituições, competições, legislação e modalidades, com realce para o futebol. Mas esta produção historiográfica tem sido relativamente reduzida (um paradoxo, num país em que o futebol domina a narrativa mediática e a cultura popular), fruto, em parte, da ausência da disciplina de história do desporto nos departamentos de História e de Ciências do Desporto das universidades portuguesas, assim como a ausência da figura do historiador no âmbito das instituições ligadas ao mundo desportivo.

Deste modo, este capítulo irá abordar, a partir do futebol, a ideia do *Fazer História*, na versão portuguesa de 1981, ou *Faire de l’Histoire*, na versão original francesa de 1974, obra dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora e que viria a inspirar outros livros de história e revistas científicas<sup>2</sup>. Como refere Torgal (2011: 11), nessa obra francesa, “procurava-se ‘fazer história’ sobre novos temas

---

2 Cf. *Revista Estudos do Século XX – Fazer história contemporânea*, n.º 11, coordenado pelo historiador Luís Reis Torgal e editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

com novas metodologias, mas sem cair no modismo que destrói a originalidade e engana o leitor”. Novos temas, novas metodologias, novos desafios para a história e o historiador, reptos que o desporto (e o futebol em particular) apresenta, em especial tendo em conta os conceitos de “contemporâneo” e “tempo presente”. Como também sintetizou Torgal (2011: 11-12), “a historiografia do ‘contemporâneo’ em Portugal começou com o estudo do século XIX, já no século XIX, como se pode ver na historiografia e na historiografia ideológica, por exemplo, de José de Arriaga, Luz Soriano ou Oliveira Martins (autor precisamente de um livro chamado *Portugal Contemporâneo*, 1881).” No caso da historiografia do contemporâneo dedicada ao desporto português, remete já para o século XX, com uma das primeiras tentativas a ser feita em 1934 pelo médico e jornalista José Pontes, na obra *Quasi um Século de Desporto*, escrita em 11 dias (de 11 a 22 de maio de 1934), durante a preparação da Primeira Exposição Triunfal do Desporto (Pontes 1934: 41). Com uma narrativa autobiográfica, Pontes (1934: 41) traçou “um panorama rápido” da história do desporto português, desde meados do século XIX (fase de surgimento) até à década de 1920 (fase de popularização).

Este capítulo assume, assim, a intenção de refletir sobre o *fazer história* do futebol português, a partir das principais obras historiográficas publicadas na contemporaneidade. E procura entender cada obra selecionada como um objeto histórico, com uma estrutura, características e funções específicas, ao qual podem ser traçadas diversas vinculações com o contexto da sua autoria, produção e utilização. Pretende-se, deste modo, contribuir para uma história

da historiografia portuguesa sobre futebol, na linha proposta por Marques (1988) nos seus *Ensaio de Historiografia Portuguesa*. Entendendo, aqui, historiografia<sup>3</sup> como “o estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores” (Ferreira 2004), possibilitando “a releitura das múltiplas leituras que o homem realizou do mundo e de si mesmo, no transcorrer da história” (Men e Neves 2005: 6). Recorre-se também a metodologias de análise de conteúdo, na linha proposta por Vala (2003: 101-128), nomeadamente “a descrição tão exaustiva quanto possível de um acontecimento, de um caso” (Vala 2003: 105) – neste capítulo aplica-se este objetivo aos livros de referência produzidos sobre a história do futebol português, os quais constituem o *corpus* da nossa análise. Coloca-se, então, nesta fase, a questão sobre o que se entende como livros de referência sobre a história do futebol português e quais assumem essas características. Para isso, partimos de quatro categorias de análise: a amplitude temporal do estudo, ou seja, o mais abrangente possível, desde as origens da modalidade até à data em que foi publicada a obra; o alcance temático, que aborde diversas facetas do fenómeno do futebol; o impacto historiográfico que teve na época da sua publicação; e o papel inovador que desempenhou, com a abertura de novas linhas de investigação sobre o tema. Ou seja, este estudo centra-se numa análise a obras de história do futebol português que assumam uma cronologia alargada e diferentes temáticas e que tenham tido impacto neste campo epistemológico, aliado a alguma inovação programática

---

3 Aponta-se a origem do termo para o Monge Tomaso Campanella, em 1638.

e de conteúdo histórico. Mas é um *corpus* delimitado, focado numa amostra que se pretende geral e de referência, mas assumindo que “não há modelos ideais” (Vala 2003: 126) de investigação e de constituição de uma amostragem com o perfil desta, dada a vasta produção historiográfica<sup>4</sup> feita sobre o futebol português desde finais do século XIX até aos dias de hoje (2025).

#### UMA HISTORIOGRAFIA EM SETE OBRAS

A primeira tentativa de fazer uma análise histórica do futebol português surgiu em dezembro de 1938, Júlio de Araújo, num ano em que se comemoravam os 50 anos da modalidade em Portugal (introduzida entre os portugueses em 1888). A obra assumiu o título de *Meio Século de Futebol – Subsídios para a História do Futebol em Portugal*, escrita por um dirigente desportivo, com vasta experiência no jornalismo. Na abertura (p. A1), o autor apresentou uma breve nota biográfica, com seis referências curriculares<sup>5</sup>, iniciadas com a informação “Presidente do Sporting Club de Portugal” e encerradas com “Jornalista desportivo”. Mais à frente (p. A5-A10), o autor

---

4 Cf. *Catálogo Desporto & Letras*, lançado pela Biblioteca Nacional (Portugal) em 2004.

5 “Presidente do Sporting Club de Portugal; presidente do Club Desportivo de Palhavã; membro do Cons. Geral da Federação de Futebol; presidente da Assembleia Geral, membro da Direção e da Comissão Seleccionadora da Associação de Football de Lisboa; presidente da Assembleia Geral da Associação de Rugby de Lisboa; e jornalista desportivo em *Os Sports Ilustrados*, *Os Sports* e *O Sport de Lisboa*.”

escreveu uma espécie de preâmbulo, com a designação “Conversação Preliminar”, em que esclareceu “o que é a obra”:

“*Meio Século de Futebol* refere-se a todo o movimento futebolístico desde o longínquo ano de 1888 até ao próximo passado de 1938, mas somente quando Lisboa participou desse movimento com qualquer das suas categorias principais, grupos ou jogadores, no País ou fora dele.”

O autor sublinhou ainda (p. A5) que a sua investigação de 639 páginas “não aspira a ser uma obra completa, mas seguramente consigna tudo o que de mais importante aconteceu” na história cinquentenária do futebol português (sobretudo lisboeta). Esclarecia também que a obra foi redigida durante a sua estadia no Rio de Janeiro<sup>6</sup> (Brasil), “longe das possibilidades de informação e de pesquisa”, e por isso mesmo “possui falhas” mas “marcará uma classe”, assegurando que “nada inventámos ou adulterámos”, colocando de parte “as nossas simpatias e antipatias” (de teor clubístico) durante a sua conceção e redação – defendia, deste modo, o rigor histórico da obra. E o estudo devia ser visto como “um ponto de partida para trabalhos de maior vulto e mais completos a que alguém um dia se abalance”.

Relativamente ao “processo da obra” (p. A6), Júlio de Araújo referiu que o mesmo assentou em documentação organizada “em mais de 2000 dossiers”, com “tudo quanto era necessário para uma

---

6 A parte “Conversação Preliminar” encerra com a nota “Rio de Janeiro 31 de dezembro de 1938.”

obra completa, sem falhas ou omissões”. E para isso “usámos a consulta a tudo quanto se publicou em livros, trabalhos avulsos, revistas, jornais da especialidade, secções desportivas dos diários e em Relatórios da especialidade.” Quanto às “deficiências existentes” (p. A6) na obra, o autor reconhece que a mesma “possui falhas e algumas omissões”, que resultaram “em parte da ausência de elementos de consulta e de esclarecimento”, apontando que “seria interessante ampliar o trabalho por forma a que nada ficasse fora dele”, sendo “possível admitir que entre os novos surja quem queira abalançar-se a tal trabalho” – lançava o reto de atualização da obra a futuros investigadores interessados na história do futebol português.

Na parte final da “Conversação Preliminar” (p. A7), o autor aborda três questões: “Do destino da obra”, “Da ordenação da obra” e “Do uso e da consulta”. Sobre o seu “destino”, Júlio de Araújo refere que “muitas vezes” parou “a pensar no ‘para que’ de tanta persistência” em fazer a obra, que lhe supôs “grande número de horas” e “largos meses” de investigação e escrita, reconhecendo que naquele contexto de final dos anos 1930 “nunca será possível editar-se” e “quando muito” poderia publicar-se em partes numa revista desportiva – o que não se verificou. E tirando a publicação em livro ou em fascículos, o “destino” da obra seria ter “um lugar reservado no cofre da Associação de Football de Lisboa” (o que acabou por suceder, nunca se chegando a publicar<sup>7</sup>). No respeitante à “ordenação” da obra, conjugou “o

---

7 Ainda hoje (2025) o trabalho original (volume único) se encontra no arquivo histórico da Associação de Futebol de Coimbra.

relato de acordo com a sequência cronológica” e “o agrupamento por espécies de provas” (ou seja, por temas), apresentando em termos de “uso” e “consulta” uma estrutura assente em cinco grandes capítulos: “Jornalistas Desportivos” (dedicado à história do jornalismo desportivo português), “Bibliografia” (análise da “quase totalidade das publicações desportivas editadas em Lisboa”), “Origem do Futebol”, “Resumo” (estudo da “evolução do futebol”, sobretudo em Lisboa, entre 1888 e 1938) e “Mapa Geral dos Campeonatos e Provas organizadas pela Federação Portuguesa de Football e Associação de Football de Lisboa” (incluindo provas nacionais e regionais (de Lisboa), assim como jogos internacionais, inter-regionais, interassociações, provas militares e policiais, digressões e listagem de clubes lisboetas). Concluída pelo autor, como referido, em dezembro de 1938, esta obra tinha um perfil comemorativo, evocando os 50 anos do futebol português (1888-1938).

Nesta primeira grande obra sobre o futebol português, Júlio de Araújo citaria de forma recorrente vários jornalistas desportivos, entre os quais três nomes que realizaram outro estudo de referência, com o título *História dos Desportos em Portugal*, publicado em fascículos pela Editorial Inquérito<sup>8</sup>, de Lisboa, entre finais dos anos 1940 e o início de 1953. Em 583 páginas, os jornalistas Tavares da

---

8 Com sede na Rua do Mundo, 100-2.º, em Lisboa, cabendo a impressão à Imprensa Libânio da Silva, também de Lisboa.

Silva<sup>9</sup>, Ricardo Ornelas<sup>10</sup> e Ribeiro dos Reis<sup>11</sup> analisaram em profundidade a evolução do desporto português, centrando-se no futebol e adotando uma narrativa cronológica. A obra assumiu uma estrutura de três partes: “Capítulo Primeiro – A origem do futebol” (com 4 subcapítulos); “Capítulo Segundo – Internacionalização do futebol” (13 subcapítulos); e “Capítulo Terceiro – O futebol em Portugal” (79 subcapítulos). Este último capítulo, centrado exclusivamente no futebol português, apresentava uma estruturação cronológica, iniciada com a “Sua introdução em 1888” (Silva, Ornelas e Reis 1953: 147) e encerrada com a “Taça Latina” (Silva, Ornelas e Reis 1953: 571). E tinha como principal fonte de pesquisa a imprensa, como os jornais *Tiro e Sport*, *Vida Sportiva*, *Gazeta de Sport*, *Os Sports Ilustrados*, *O Século*, *O Sport de Lisboa*, entre outros, assim como documentos oficiais de instituições como a Associação de Futebol de Lisboa (AFL) e FPF. Uma obra que contava com um “Prefácio”, assinado pelos três autores, que defendiam a importância de fazer a história do futebol português, dada a relevância social, cultural e popular que tinha assumido na sociedade portuguesa contemporânea. Uma obra que, embora privilegiasse o enfoque da história do futebol lisboeta, apresentava reflexões sobre a evolução do fenómeno

---

9 Foi jogador de futebol, treinador, árbitro, seleccionador nacional de futebol, dirigente, jornalista e advogado. Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 333.

10 Um dos jornalistas desportivos mais importantes da primeira metade do século XX português. Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 417.

11 Militar de carreira, dirigente desportivo, futebolista, treinador, jornalista de grande prestígio (fundador do jornal *A Bola*). Cf. Coelho & Pinheiro 2002: 153.

do futebol noutras regiões, abrangendo a evolução institucional e competitiva, a formação de clubes e associações distritais, a criação dos clubes “grandes” e populares (FC Porto, SL Benfica e Sporting CP), as competições nacionais e a Seleção Nacional (masculina), a presença internacional do futebol português, entre outros temas. Mais sistematizada, apresentava uma análise histórica (embora numa narrativa descritiva e jornalística) mais rigorosa e cuidada que o contributo dado por Júlio de Araújo em finais de 1938.

A terceira obra analisada para este capítulo assumiu igualmente um perfil comemorativo, tal como a primeira obra de 1938. É o livro evocativo dos 75 anos (1914-1989) da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e dos 100 anos do futebol luso (1888-1988), com o título *Os Anos de Diamante 1914-1989 no 1º Centenário do Futebol Português*, da autoria do jornalista Henrique Parreirão<sup>12</sup> e publicado em 1989, numa edição da FPF. Na “Nota do Autor”, Parreirão (1989: 4) sublinhou precisamente ambos momentos (“as bodas de diamante” da FPF e “o primeiro centenário do futebol português”) “coincidirem no mesmo ano de 1989”. E esclarecia que “toda a obra tem por base narrar de forma simples e objetiva o nosso futebol através dos tempos, com o registo dos nomes e números dos principais eventos”. A “elaboração deste trabalho”, segundo o autor, só foi possível “rebuscando” o que “já veio publicado em jornais e revistas de todos os tempos”, sendo

---

12 Um dos jornalistas desportivos de maior prestígio em Portugal na segunda metade do século XX, destacou-se no jornal Record. Autor de várias obras, colaborou também em dicionários, como a obra *António Reis* (ed.). 1990. Portugal Contemporâneo, Volume 2. Lisboa: Alfa.

essa (a imprensa) a “principal fonte na recolha de dados com o apoio dos arquivos federativos”. Assegurava também, dado tratar-se de uma publicação oficial da FPF, ter existido “independência e liberdade plena para planear e escrever”, reconhecendo ser “uma obra que poderá ser ampliada e melhorada em edições futuras”.

Apesar do seu perfil mais institucional, patente no primeiro capítulo “1. Abertura”, que contou com testemunhos de João Havelange (presidente da FIFA<sup>13</sup>), Jacques Georges (presidente da UEFA<sup>14</sup>) e Silva Resende (presidente da FPF), esta obra apresentava um pendor histórico nas restantes quatro partes: “2. Primórdios”; “3. Futebol organizado”; “4. Provas – Nível nacional”; e “5. Provas – Nível internacional”. Adotava, assim, uma estruturação temática e dentro desta uma ordenação que cruzava diferentes subtemas e uma narrativa cronológica, iniciando, por exemplo, o capítulo “2. Primórdios” com o subcapítulo “Nascimento do Futebol em Portugal e seu historial” (Parreirão 1989: 20-27). Uma obra de 320 páginas, ilustrada, dividida em cinco partes e com 65 subcapítulos, que apresentava breves análises a diferentes temáticas, juntamente, com estatísticas diversas e quadros de resultados de diferentes competições nacionais e internacionais (envolvendo os clubes portugueses e as seleções nacionais masculinas).

Esta última obra de 1989, juntamente, com as duas anteriores (1938 e 1953), seriam fontes de pesquisa (regularmente citadas) para

---

13 Federação Internacional de Futebol Associação.

14 Union of European Football Associations.

a quarta obra em análise, publicada em 2002 pelas Edições Afrontamento, no Porto, com o título de *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal*, da autoria do sociólogo João Nuno Coelho<sup>15</sup> e do historiador Francisco Pinheiro<sup>16</sup>. Era a obra mais extensa até então publicada sobre o futebol português, com 712 páginas, ilustradas (com cerca de 1500 imagens), e contava com dois prefácios, de Artur Agostinho (prestigiado jornalista) e Humberto Coelho (antigo jogador e selecionador nacional). Agostinho (2002: 7) definiu a obra como “única no género”, uma vez que retratava “de forma extremamente cuidada e minuciosa a História do Futebol em Portugal”. Na introdução “Planeta Futebol” (Coelho e Pinheiro 2002: 10-11), os autores referem que a obra pretendia “assumir um cariz único no nosso País, uma vez que reúne num só volume toda a história da modalidade entre 1888 e o início do século XXI”. E identificavam um vasto conjunto de autores de referência, cujas obras serviram de fonte de pesquisa, reconhecendo igualmente o papel da imprensa enquanto objeto primordial de recolha de dados históricos.

A estrutura de *A Paixão do Povo* é também descrita pelos autores na “Introdução”, sublinhando que “a lógica de organização” assenta “numa base cronológica ‘década a década’, num conjunto de dez

---

15 Licenciado e mestre em sociologia pela Universidade de Coimbra, comentador desportivo e autor de extensa obra sobre o futebol português e internacional.

16 Doutorado em história pela Universidade de Évora, com pós-doutoramento em história do desporto na Universidade de Coimbra, autor de extensa obra sobre desporto, futebol e imprensa.

grandes blocos, pautados por uma sistematização da informação”, conciliando “uma análise ano a ano” com um “conjunto de análises temáticas disseminadas por toda a obra”. Ao assumirem uma estrutura cronológica (entre 1888 e 2002), os autores foram sistematizando e organizando a informação, criando blocos por década para todo o século XX, conciliando uma análise geral a cada época desportiva<sup>17</sup>, com uma breve cronologia, destaques temáticos e uma biografia ou história de clube (rubrica “clubes históricos”). Definiram também temáticas estratégicas para entender o fenómeno do futebol, como “a evolução tática do futebol”, “arbitragem”, “imprensa desportiva”, entre outras. E criaram rubricas específicas, como “futebol nas regiões” (dedicado a analisar a evolução regional), “provas e instituições” (dedicado às competições e organismos), “tabela de resultados” (síntese de resultados das competições). Publicada já no século XXI (2002), esta obra apresenta na parte final as rubricas “tabela das provas nacionais” (com todos os vencedores), “«Campeonato de Sempre» do Século XX” (síntese estatística sobre a Liga Portuguesa) e “Participação dos clubes portugueses nas competições europeias no século XX”. Apesar da abrangência temática, esta obra manteve-se ainda omissa em relação a temas estruturais do futebol, como a dimensão feminina, a violência ou o racismo (abordados de forma genérica).

---

17 O futebol organiza-se por épocas (ou temporadas), habitualmente, balizada entre julho e junho do ano seguinte.

Cerca de seis anos depois, entre fevereiro e outubro de 2008, publicaram-se os cinco volumes da *Crónica de Ouro do Futebol Português*, num registo mais jornalístico e de perfil temático, editados pelo Círculo de Leitores e sob a direção do jornalista Joaquim Vieira<sup>18</sup> e com textos de quatro jornalistas: António Tadeia, Bruno Prata, João Querido Manha e Joel Neto. A numeração dos volumes correspondeu a cinco temáticas diferentes da história do futebol português: “01. A Selecção” (224 pp., fevereiro de 2008); “02. Os Pioneiros” (216 pp., maio e junho de 2008); “03. A Internacionalização” (216 pp., junho de 2008); “04. A Consagração” (216 pp., agosto de 2008); e “05. Os 100 Mais” (216 pp., outubro de 2008).

A introdução à coleção foi feita pelo seu coordenador, Joaquim Vieira, no volume “01. A Selecção”, no texto de abertura “Campo de Paixões” (pp. 7-9), em que o resumo inicial justificava a sua pertinência editorial: “Não se trata de estar contra ou a favor, de ser ou não adepto, mas de constatar a realidade: o futebol mobiliza um povo, está incrustado na nossa existência, queira-se ou não” (p. 7). Além da extensa justificação sobre o papel social e popular do futebol, Vieira sublinhou que “Portugal ocupa um lugar na história da modalidade, e é da crónica do futebol luso, do percurso dos seus praticantes tanto a nível dos clubes como da selecção (...) que se ocupa a presente obra” (p. 9). Sublinhou em seguida a “vasta experiência e análogo saber” sobre futebol, por parte dos quatro jornalistas

---

<sup>18</sup> Jornalista, ensaísta, escritor e documentarista, ocupou cargos diretivos no semanário *Expresso*, no canal televisivo RTP ou na revista *Grande Reportagem*.

que “investigaram e escreveram esta história nas suas mais variadas facetas” (p. 9). Passou depois a descrever os processos de elaboração das cinco obras que formam a coleção, esclarecendo que cada jornalista foi responsável pelo “texto principal” em cada um dos quatro primeiros volumes, “complementado por pequenos textos dos membros da equipa sobre determinados aspetos particulares da modalidade e por alguns quadros sinópticos finais.” O quinto e último volume seria “dedicado a apresentar as cem personalidades que, na perspetiva dos autores, mais contribuíram para a implementação e a evolução do futebol em Portugal” (p. 9).

Uma coleção, em cinco volumes, que correspondia a um total de 1088 páginas sobre a história do futebol português, adotando uma estrutura cronológica e temática ao longo de cada volume, profusamente ilustrado, com pesquisa e recolha de imagens em vários arquivos nacionais e coleções particulares (na linha de *A Paixão do Povo*). Na introdução ao último volume (“05. Os 100 Mais”, pp. 6-7), Joaquim Vieira abordava uma das questões centrais em termos de história do futebol português (e notória nesta coleção, tal como nas obras já analisadas), como era o “carácter eminentemente masculino de que se revestiu a modalidade durante mais de um século”. Assim justificava a ausência de mulheres entre “Os 100 Mais” da história do futebol português, não figurando nessa lista uma única mulher. Segundo Vieira (2008), “não haveria que distorcer a história, antes registá-la na sua crua realidade”, uma vez que “só há poucos anos” passou a haver “maior abertura à prática sustentada do futebol feminino, ainda com pouco relevo.”

A sexta obra em análise é a *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural*, dividida em dois tomos – “Volume I – Origens, institucionalização e profissionalização” e “Volume II – Industrialização e Globalização” –, publicados originalmente em 2010 (1ª edição) e reeditados em outubro de 2014 (é nesta 2ª edição que centro esta análise), da autoria<sup>19</sup> dos historiadores Ricardo Serrado<sup>20</sup> e Pedro Serra<sup>21</sup>, e edição da Prime Books. Tal como sucedera com as obras analisadas de 1938 e 1989, mais uma vez um evento comemorativo esteve na base da sua edição (neste caso a sua reedição), foi o centenário da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), a 31 de março de 2014.

Na “Nota Prévia” (Serrado e Serra 2014: 25-27) do “Volume I – Origens, institucionalização e profissionalização”, assinada por Ricardo Serrado, o autor esclarece que “foi no âmbito do centenário da FPF que surgiu a ideia de fazer uma segunda edição (...), aumentada e atualizada”, reconhecendo a vontade de “operar algumas modificações a vários níveis” na obra. A atualização permitiu, por exemplo, cobrir o período até 2012 (a edição anterior terminava em 2006). Segundo o autor, a obra resultava de “cerca de 3 anos” de trabalho, envolvendo “cerca de 137 anos de história”. Estava “dividida em dois volumes mas correspondia, em rigor, a um só livro”,

---

19 Em ambos volumes surge a fórmula autoral “Ricardo Serrado com Pedro Serra”, existindo em cada capítulo a referência à autoria do mesmo.

20 Licenciado em história e mestre em história contemporânea, desenvolveu trabalhos diversos na área do desporto e futebol.

21 Doutorado em história contemporânea, autor de *António Fernandes Roquete* (1906-1995): Um “ídolo” do desporto nas polícias políticas do Estado Novo (tese de doutoramento, 2017).

centrando-se o primeiro volume (com 648 páginas) “nos processos evolutivos do jogo, entre 1875 e 1974: introdução, popularização, institucionalização e profissionalização da modalidade”. E o segundo volume (com 640 páginas) focava-se “na industrialização e globalização, entre 1974 e 2012.” Na mesma “Nota Prévia”, Serrado esclarecia que “esta obra não tem como objetivo contar a história do futebol português”, mas sim responder a questões, sintetizando-as na ideia: “o que é que, em suma, o futebol português representa para o país?”. E esclarecia que o “Volume I” correspondia ao período de introdução da modalidade em Portugal (1875 a 1894), para depois “se popularizar, institucionalizar e profissionalizar entre 1908 e 1960”. Defendia ainda ser “um livro realizado com independência e idoneidade (...), sem a intromissão da ‘clubite’”.

Quanto ao “Volume II”, na sua “Nota Prévia” (p. 19), Serrado sublinhava que a obra se debruçava sobre “o desenvolvimento da modalidade entre o final da ditadura e 2012: os processos que designamos de industrialização e globalização do futebol”. Reforçou a ideia de que a obra pretendia, sobretudo, “compreender a relação do futebol com a sociedade portuguesa”. Esperava que os dois volumes pudessem “ajudar o futebol a ser mais estudados no âmbito das universidades” e “que o seu mérito possa ser, sobretudo, o de levantar questões, abrir possibilidades e relevar a importância, bem como a necessidade, de se estudar mais frequente e, consistentemente, a história do desporto, neste caso concreto do futebol português.” Ambos volumes apresentam, como referido, uma estrutura cronológica, situando-se temporalmente o primeiro volume entre

1875 e 1974 e o segundo volume entre 1974 e 2012, enquadrando em cada período os temas que os autores consideraram mais relevantes para a compreensão da história do futebol português.

A última obra em análise (a sétima) enquadra-se, novamente, no perfil de estudos publicados por ocasião de datas comemorativas. Lançada pela Âncora Editora, em abril de 2023, a obra *História do Futebol em Portugal* era da autoria de Nuno Valério e Ana Bela Nunes, professores catedráticos do ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Na breve introdução à obra (Valério e Nunes 2023: 7), os autores começavam por reconhecer que era “indubitável a importância do futebol na vida social portuguesa” e este trabalho procurava ser “uma contribuição para um melhor conhecimento da história desse desporto em Portugal”. Com 258 páginas, sem ilustrações, a obra pretendia, na ótica dos autores, examinar “os primórdios da sua prática, os seus processos de institucionalização, profissionalização e diversificação, as principais competições oficiais e a projeção externa do futebol português”. Os dados apresentados diziam respeito ao período até 2021-2022, e o livro, “num certo sentido”, assinalava os “100 anos da existência da seleção nacional e de competições nacionais de futebol”.

Em termos estruturais, a obra divide-se em 11 capítulos (os últimos dois dedicados à bibliografia e aos anexos), adotando cada um deles uma matriz cronológica. Inicia com o capítulo “1. Visão Geral”, dedicado a analisar a evolução do futebol português, seguindo-se os capítulos “2. O futebol nas regiões”, “3. Competições nacionais de clubes”, “4. Seleção Nacional”, “5. Competições internacionais

de clubes”, “6. Futebol jovem”, “7. Futebol feminino”, “8. Futsal” e “9. Futebol de praia”. A centralidade destes capítulos vai para as competições (listagens sucessivas) e seleções nacionais respetivas (sínteses de resultados). Assume-se, sobretudo, como um repositório de dados (exaustivos) sobre o futebol português, com breves explicações de enquadramento histórico-social. Inovadora, a inclusão de informações sobre as variantes do futsal e futebol de praia, assim como a definição de um capítulo dedicado ao futebol feminino.

#### SÍNTESE COMPARATIVA

As sete obras analisadas enquadram-se, claramente, nas quatro categorias propostas na abertura deste capítulo – amplitude temporal; alcance temático; impacto historiográfico; papel inovador – e, deste modo, na caracterização de obras de referência (no sentido de ocuparem uma certa centralidade na análise ao tema) sobre a história do futebol português. Estruturalmente, apresentam similitudes, mas também assimetrias. A opção pela estrutura cronológica da narrativa é comum, mesmo nos casos em que a opção foi temática, como nas obras de Araújo (1938), Parreirão (1989), Vieira (2008) e Valério e Nunes (2023). Assim, a opção por uma narrativa cronológica, com a variante temática agregada ao longo da análise, integrou claramente as obras de Silva, Ornelas e Reis (1953), Coelho e Pinheiro (2002) e Serrado e Serra (2014).

Outra questão comum a praticamente todas as obras foi a utilização das mesmas fontes de pesquisa, recorrendo à imprensa da

época (generalista e especializada), a bibliografia específica sobre o tema e a arquivos históricos, quer nacionais (como a Biblioteca Nacional), quer institucionais (de associações de futebol distritais, clubes, FPF, entre outros), quer também particulares (como colecionistas ou estudiosos da área). E a generalidade dos autores defendeu o cariz de isenção e objetividade da escrita histórica da sua respetiva obra, acentuando tratar-se de uma investigação e análise independente (salvaguardando assim o rigor histórico), afastando a obra da denominada “clubite” – interessante como esta questão está presente nos sete estudos analisados, sendo uma questão intemporal entre 1938 e 2023.

O perfil dos autores é outro quesito que requer análise. Na realização destas sete obras sobre o futebol português, participou um total de 16 autores, 15 deles homens e somente uma mulher (Ana Bela Nunes, em 2023), denotando um quase exclusivo predomínio da masculinidade na escrita histórica sobre futebol. Em termos de perfil profissional foram dez jornalistas, três historiadores, dois economistas e um sociólogo. Sublinhamos mais uma vez este predomínio da masculinidade na escrita de obras sobre a história do futebol português, assumindo os jornalistas (nove deles oriundos do jornalismo desportivo) o papel de historiadores do futebol português. A escrita adotou, assim, uma narrativa mais jornalística que histórica ou científica, com uma clara ausência da mulher na sua conceção, o mesmo sucedendo em termos do conteúdo histórico patente nas obras (em que a temática feminina é quase ausente). Nas obras em que foi possível, por opção editorial (conceção visual), o uso da fotografia e de ilustrações acabou

por ter um papel importante na apresentação de uma certa estética sobre a história do futebol português, como sucedeu nas obras de Coelho e Pinheiro (2002) e de Vieira (2008).

Igualmente comum às sete obras, foi a necessidade de apresentar cada uma delas como um contributo para um melhor conhecimento da história do futebol português, abrindo novas pistas de investigação para futuras investigações. Ou seja, cada obra foi apresentada pelos autores como um ponto de partida para novas abordagens sobre a história do futebol português. Foi compreensível, por isso mesmo, que certos momentos comemorativos do futebol português potenciasssem alguns destes estudos, como sucedeu com Araújo (1938), por ocasião dos 50 anos do futebol português; Parreirão (1989), com o centenário do futebol português e os 75 anos da FPF; Serrado e Serra (2014), com o centenário da FPF; e Valério e Nunes (2023), com o centenário da Seleção Nacional (estreou em 1921) e o início das competições nacionais, através do Campeonato de Portugal (iniciado em 1922).

Apesar da tentativa de alguns autores de distanciar as suas obras das restantes, sublinhando o carácter inovador do seu trabalho em detrimento dos estudos publicados até então, essa acabou por ser uma característica comum às sete obras. Ou seja, o posicionamento de cada uma como obra inovadora e distinta das anteriores. Porém, como já vimos em termos de estrutura e narrativa, as sete obras têm, claramente, mais similitudes do que disrupções.

Na “apresentação” de *O Processo Civilizacional*, Norbert Elias, reconhecia que “o progresso do trabalho científico” é baseado “em grande parte no intercâmbio e na mútua fecundação dos trabalhos de numerosos colegas e no contínuo desenvolvimento de um capital de saber que é de todos” (Elias 2006: 19). Neste sentido, as sete obras aqui analisadas sobre a história do futebol português assumiram uma certa linha de continuidade, de uma mesma preocupação científica, que era contribuir para o conhecimento sobre a evolução histórica de uma determinada modalidade desportiva, numa sociedade em específico, como era a portuguesa. Mas não se tratou de uma modalidade desportiva secundária (do ponto de vista da prática, popularidade e mediatismo), mas sim da mais popular na sociedade portuguesa e ocidental, o chamado “desporto-rei” (o futebol). O próprio Norbert Elias juntamente com Eric Dunning viriam a cruzar o fenómeno desportivo, em particular o futebol, com o processo civilizacional, na obra *A Busca da Excitação* (1985), na qual afirmaram, na introdução, que ambos tinham “a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade”. As sete obras analisadas neste capítulo têm esse princípio em comum: contribuir para a compreensão da sociedade portuguesa contemporânea a partir do futebol e do seu processo histórico.

Como referido no capítulo anterior (“síntese comparativa”), embora o arco temporal entre as obras seja alargado (1938 a 2023) e existam diferenças entre as obras (a vários níveis, como grafis-

mo, estrutura narrativa, estética visual, entre outros), existe todo um conjunto de características que as aproximam. Desde Júlio de Araújo (1938) a Nuno Valério e Ana Bela Nunes (2023), foi comum a procura dos autores em que os seus trabalhos fossem contribuições válidas e rigorosas para o conhecimento da história do futebol em Portugal – na aceção de Elias, para o conhecimento da própria sociedade. Comum, igualmente, aos autores a necessidade de apresentar estas obras, dedicadas a uma temática tão emotiva como é o futebol, com trabalhos isentos e objetivos, afastados da “clubite” (entendida como a relação afetiva com um clube) que domina muitas vezes certas publicações ligadas ao futebol português (com forte predominância de ligações afetivas aos “três grandes”: FC Porto, SL Benfica e Sporting CP). Mesmo Júlio de Araújo (1938), antigo presidente do Sporting CP, reforçou a ideia de isenção da análise histórica ao caracterizar o seu trabalho apoiando-se na objetividade da condição de jornalista (atividade que exerceu durante longo período).

O estudo destas sete obras permitiu também perceber que o perfil dos autores que escrevem sobre a história do futebol português foi relativamente limitado (dominado por jornalistas) e circunscrito (somente jornalistas (10), historiadores (3), economistas (2) e sociólogos (1)), e quase estritamente masculino (uma única mulher em 16 autores envolvidos). O memorialismo comemorativo exerceu, igualmente, um papel importante na conceção de várias destas obras, publicadas em datas comemorativas do futebol português – quatro destas obras tiveram esse condão (1938, 1989, 2014 e 2023). E, transversal a todos os estudos foi a tipologia de fontes de pesquisa e locais de investigação.

Analisando do ponto de vista do “contínuo desenvolvimento de um capital de saber”, a que se refere Elias, futuros trabalhos sobre a história do futebol português poderiam (e deveriam) incluir visões sobre temáticas ainda pouco exploradas, como o papel da mulher<sup>22</sup> nesse processo histórico do futebol português (tema praticamente inexistente nestas sete obras). A questão racial no período colonial português, cruzando com as temáticas do racismo e discriminação no contexto nacional. Um aprofundamento das relações entre política e futebol durante a contemporaneidade da sociedade portuguesa, no contexto monárquico, republicano, fascista e democrático, na construção de uma história política portuguesa a partir da relação com o desporto, em especial o futebol. O papel do adepto e as relações afetivas e emotivas do português com o futebol, assim como a análise ao processo histórico da violência no âmbito do futebol português. Temas em aberto, a incluir em futuras investigações com o perfil das sete aqui analisadas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. 1988. *Revista Desporto e Sociedade*. Lisboa: Direção-Geral dos Desportos.

---

22 Cf. História do Futebol Feminino, de Mary Caiado (2024, ed. FPF), que aflora questões sobre este tema, mas centra-se no período a partir dos anos 70 do século XX à atualidade.

AGOSTINHO, Artur. 2002. “Uma obra única”. In: João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, *A paixão do povo: História do futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento. pp. 6-7.

ARAÚJO, Júlio de. 1938. *Meio século de futebol. Subsídios para a história do futebol em Portugal*. Lisboa: AFL (não publicada).

BURKE, Peter. 1992. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP.

CARBONELL, Charles-Olivier. 1987. *Historiografia*. Lisboa: Teorema.

COELHO, João Nuno e Francisco Pinheiro. 2002. *A paixão do povo – História do futebol em Portugal*. Porto: Afrontamento.

COELHO, Maria Helena da Cruz et al. 1991. “Historiografia portuguesa”. In: J. A. França (dir.), *Portugal moderno: Artes e letras*. Lisboa: Pomo. pp. 189-207.

ELIAS, Norbert. 2006. *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2.<sup>a</sup> edição (obra original de 1939).

ELIAS, Norbert e Eric Dunning. 1985. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL.

FERREIRA, Aurélio B. H. 2004. *Novo dicionário*. Curitiba: Opeg.

LE GOFF, Jacques e Pierre Nora (dir.). 1977. *Fazer História, novos problemas, novas contribuições, novos objectos*. Amadora: Bertrand.

MARQUES, A. H. de Oliveira. 1988. *Ensaio de historiografia portuguesa*. Lisboa: Palas.

MEN, Liliana e Fátima M. Neves. 2005. *Na história da educação: investigando o termo historiografia*. Brasil: Projeto de iniciação científica. [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Fatima%20Maria%20Neves.pdf](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Fatima%20Maria%20Neves.pdf).

PARREIRÃO, Henrique. 1989. *Os anos de diamante 1914-1989 no 1.º Centenário do Futebol Português*. Lisboa: FPF.

PONTES, José. 1934. *Quasi um século de desporto*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.

SERRADO, Ricardo e Pedro Serra. 2014. *História do futebol português: Uma análise social e cultural*, Vol. I e II. Lisboa: Prime Books.

SILVA, Tavares da; Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis. 1953. *História dos Desportos em Portugal*. Lisboa: Editorial Inquérito.

TORGAL, Luís Reis (coord.). 2011. *Revista Estudos do Século XX – Fazer história contemporânea*. Coimbra: CEIS20/Imprensa da Universidade de Coimbra.

TORGAL, Luís Reis; José Amado Mendes e Fernando Catroga. 1996. *História da História em Portugal: sécs. XIX-XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.

VALA, Jorge. 2003. “A análise de conteúdo”. In: Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Ed. Afrontamento. pp. 101-128.

VALÉRIO, Nuno e Ana Bela Nunes. 2023. *História do futebol em Portugal*. Lisboa: Âncora Editora.

VIEIRA, Joaquim (dir.). 2008. *Crónica de ouro do futebol português, Volumes 01. A Seleção, 02. Os Pioneiros, 03. A Internacionalização, 04. A Consagração, 05. Os 100 Mais*. Lisboa: Círculo de Leitores.